

***O Ensino em Saúde e a Filosofia: Especificidades e Perspectivas da  
Filosofia da Saúde***

HEALTH TEACHING AND PHILOSOPHY: SPECIFICITIES AND PERSPECTIVES  
OF HEALTH PHILOSOPHY

*Isabela Aline Oliveira*<sup>\*</sup>  
*Viviane Cristina Cândido*<sup>\*\*</sup>

RESUMO

Pretende-se propor uma reflexão sobre o ensino em saúde e a filosofia, para pensarmos acerca da especificidade e das perspectivas de uma Filosofia da Saúde, enquanto um campo de conhecimento de caráter transdisciplinar, em que os conceitos, reflexões e temas da filosofia conformam um arcabouço teórico de interlocução com a área da saúde, tanto no que concerne aos fundamentos epistemológicos das ciências desta área, quanto às suas práticas, considerando a pesquisa, a bioética, o cuidado e a assistência em saúde. Para realização deste trabalho, foi feita uma revisão bibliográfica, que considerou os estudos realizados pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia da Saúde (GEFS), da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), fundado em 2018, no âmbito da Escola Paulista de Medicina.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia, Filosofia da Saúde; ensino em saúde.

ABSTRACT

The intention is to propose a reflection on health education and philosophy, to consider the specificity and perspectives of a Philosophy of Health as a transdisciplinary field of knowledge. In this field, philosophical concepts, reflections, and themes form a theoretical framework for dialogue with the health domain, concerning both the epistemological foundations of the sciences in this area and their practices, including research, bioethics, care, and healthcare assistance. To carry out this work, a literature review was conducted, considering the studies conducted by the Study and Research Group in Philosophy of Health (GEFS) at the Federal University of São Paulo (Unifesp), affiliated with the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), founded in 2018 within the scope of the Paulista School of Medicine.

KEYWORDS: Philosophy; Philosophy of health; Health education.

---

\* Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia da Saúde - UNIFESP/CNPq – UNIFESP, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [isabela.a.oliveira@ufes.br](mailto:isabela.a.oliveira@ufes.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7940078959457228>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2721-8205>

\*\* Docente da Escola Paulista de Medicina - Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: [candido.viviane@unifesp.br](mailto:candido.viviane@unifesp.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4541220233773056>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4164-0245>.

## Introdução

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre a interação entre o ensino em saúde e a filosofia, no contexto de delimitação conceitual sobre as especificidades e perspectivas de uma Filosofia da Saúde. A partir do livro *Saúde e Transdisciplinaridade: a importância da subjetividade nos cuidados médicos* e do artigo *O ensino de filosofia e suas diretrizes*, propõe-se a reflexão epistemológica que considere a transdisciplinaridade entre as áreas da saúde para abarcar a multidisciplinaridade e multiprofissionalidade, constituintes das práticas e, afinal, do ensino em saúde.

Essas reflexões fazem parte de um contexto mais amplo dos estudos e pesquisas realizados pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia da Saúde (GEFS) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), fundado em 2018, no âmbito da Escola Paulista de Medicina.<sup>1</sup>

A educação em saúde e a filosofia, em particular uma Filosofia da Saúde, tem como potencial o desenvolvimento de competências e habilidades para ampliação do perfil do profissional da saúde. A amplitude adquirida pela interação multidisciplinar e multiprofissional, a capacidade de elaborar conceitos e dar-lhes contextos práticos e a reflexão crítica são alguns exemplos de como esse profissional pode ampliar seu escopo de competências, inclusive o clínico e, ao mesmo tempo, constituem desafios para o ensino em saúde, que clamam pela contribuição de outras áreas.

---

1 Para saber mais sobre o Grupo de Estudos e Pesquisa: site [gefs.unifesp.br](http://gefs.unifesp.br) e *Políética* – Revista de Ética e Filosofia Política - Dossiê Filosofia e Saúde I e II

A instituição do Sistema Único de Saúde (SUS) representa um marco global incontestável na promoção, proteção e restauração da saúde. Em termos de estruturação do Sistema, a Lei Federal 8.080, de 19 de setembro de 1990, criou comissões permanentes de integração entre os serviços de saúde e as instituições de ensino profissional e superior. Essa legislação visa, entre outros objetivos, estabelecer métodos e estratégias para a formação e educação continuada dos profissionais que compõem os recursos humanos do SUS. Além da dimensão legislativa, é preciso dar ênfase ao fato de que a educação em saúde é uma premissa fundamental para toda a rede de atenção à saúde.

Nossa abordagem destaca, portanto, a relevância desse tema no contexto brasileiro em que toda população<sup>2</sup> é alvo das políticas públicas preconizadas pelo SUS. Aproximadamente 150 milhões de pessoas (o que representa 7 a cada 10 brasileiros<sup>3</sup>) o têm como único mecanismo de acesso à saúde.

Mas, afinal, por que falamos de ampliar as habilidades e competências dos profissionais da saúde? Consideremos um exemplo. Na recente pandemia de Covid-19, foram desenvolvidas, em tempo recorde, vacinas capazes de alterar o quadro em que as mortes eram inevitáveis, porém a crueldade do cenário levantou a hipótese de que o conhecimento fisiológico e clínico talvez não seriam suficientes no cuidado e na assistência em situações em que a vida está ameaçada. O problema que se coloca, portanto, é como construir epistemologicamente

---

2 Aqui é possível abordar a totalidade da população, mesmo que uma parcela tenha acesso à saúde por meio de planos privados, pois ela pode ser sujeita a políticas preventivas, campanhas de imunização e outras iniciativas, ou seja, pode ser considerada parte da população afetada.

3 Dados referentes a publicação da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2020 referente aos dados de 2019. Conferir em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9160-pesquisa-nacional-de-saude.html?=&t=o-que-e> (acesso em 21/01/2024).

alternativas ao conhecimento biomédico herdeiro do positivismo científico?

Em *Saúde e Transdisciplinaridade: a importância da subjetividade nos cuidados médicos*, Patrick Paul argumenta:

A problemática inscrita na palavra *transdisciplinaridade* leva, portanto, ao imperativo de um duplo encaminhamento. Ela parece ser, por um lado, e correspondendo a sua definição clássica, uma epistemologia que indicaria a nova importância, no interior das fronteiras disciplinares, de zonas imprecisas ou de “buracos negros”, não acessíveis às compartimentações clássicas que definem os objetos disciplinares. Mas ela exige, por outro lado, a construção de uma nova psicologia suscetível de testemunhar a complexidade do sujeito (Paul, 2013, p. 66).

A transdisciplinaridade proposta por Patrick Paul para o caso das ciências da saúde nos parece pertinente por propor o “testemunho” da complexidade do sujeito. De tal maneira é que propomos a relação transdisciplinar no âmbito da Filosofia da Saúde.

O paradigma biomédico repousa sobre dois instrumentos metodológicos, o reducionismo e o princípio aristotélico de “razão suficiente”. Do ponto de vista metodológico, em se tratando de saúde, o reducionismo é o instrumento de decomposição das partes para construção de categorias analíticas. Para Paul, essa divisão está na base da constituição das categorias disciplinares (2013, p. 25-26). A crítica sobre a divisão disciplinar da área da saúde é pertinente para o que apresentamos como especificidade da Filosofia da Saúde, que é a abordagem multiprofissional fundamentada na necessidade de construir uma alternativa potente à fragilidade causada pela divisão disciplinar, constituinte da base das ciências biomédicas e, conseqüente, de seu ensino.

Assim, a atuação multiprofissional pode ser também um instrumento metodológico capaz de integrar o cuidado e diminuir

possíveis lacunas causadas pela divisão das especialidades e do instrumento reducionista.

A abordagem multiprofissional propõe um processo de ensino por meio dos grandes temas que têm provocado indagações ao longo da história e em nossos dias e que, ao mesmo tempo em que provoca diversas categorias profissionais para pensar reflexiva e criticamente nesses problemas, levando-os a interagir de modo dinâmico com a filosofia que, nas mais diversas épocas, indagou sobre esses mesmos problemas e procurou formas de equacioná-los.

Nesse caso, propor uma Filosofia da Saúde, significa propor um escopo de investigação sobre temas já inerentes à filosofia, contudo, buscando um olhar em que tais conceitos possam ser articulados para subsidiar a prática efetiva em saúde e corroborar a fundamentação dessa prática.

A Filosofia da Saúde se delimita como um campo de investigação multidisciplinar, que caminha para além de campos já explorados, como é o caso da filosofia da medicina ou mesmo bioética. Isso porque, seu lugar é aquele em que filosofia e saúde se cruzam, de tal modo que só podem existir no encontro e não mais fora dele. Os caminhos trilhados e explorados pela bioética, pela filosofia da medicina ou mesmo pela educação em saúde não se esgotam na Filosofia da Saúde, mas nela se entrecruzam para fundamentar um novo lugar de conhecimento.

Do ponto de vista da transdisciplinaridade, a Filosofia da Saúde propõe uma interação entre sujeito e objeto que visa superar os desafios para a eficiência do cuidado que reside na fragmentação disciplinar do método científico e no modelo biomédico positivista predominante. De um ponto de vista conceitual, é preciso redirecionar a perspectiva segundo a qual as ciências da saúde tomam a atenção e a assistência com

foco na doença, pois, a partir daí criam-se obstáculos para o reconhecimento do sujeito no processo de cuidado.

Para a ampliação do escopo de habilidades e competências dos profissionais, a transdisciplinaridade parece ser um caminho, pois supera a barreira disciplinar do método científico e pela capacidade de propor um cuidado profissional que considera a integração entre sujeito e objeto.

Há aqui, portanto, duas aspirações que são encorajadas: uma de ordem teórica e outra de ordem prática. No campo teórico, compete discorrer sobre a especificidade em que se insere a Filosofia da Saúde com relação ao objeto de estudo. Demarcando um lugar da Filosofia da Saúde como conhecimento multidisciplinar, transdisciplinar e multiprofissional. Da perspectiva de ordem prática, significa pensar e apresentar uma Filosofia da Saúde que emergja da experiência prática e coletiva, sendo o ensino em saúde a primeira ação desta ordem prática. Como dito anteriormente, neste artigo, essas aspirações advêm das atividades do Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde (GEFS).

Nas seções subsequentes, aprofundaremos a discussão sobre a Filosofia da Saúde, explorando suas raízes filosóficas, sua relação com outras disciplinas e seu papel na formação de profissionais de saúde. Ao fazer isso, esperamos lançar luz sobre a importância de uma abordagem filosófica no ensino em saúde e sobre como a filosofia pode promover uma compreensão mais profunda das questões fundamentais que moldam nossa experiência de saúde e doença, afinal, de vida bem como demonstrar que uma Filosofia da Saúde exige, por parte do profissional, a capacidade de estabelecer um diálogo entre saberes – Filosofia e Saúde e, ao mesmo tempo, um diálogo entre pessoas que conhecem, quando da atuação no cuidado e na assistência em saúde.

## **Filosofia da Saúde: perspectivas**

O que define uma área de conhecimento é o objeto do qual essa área se ocupa. Talvez seja possível dizer que tenha sido mais fácil definir esse limite objetivo a partir do desenvolvimento da dita “ciência positiva”, ou da herança cartesiana, que define aquilo que concerne às ciências humanas e naturais. Por exemplo, sobre a física, pode-se dizer que seja a ciência que estuda fenômenos naturais e as propriedades da matéria. Em contrapartida, a filosofia está para além destes limites positivos, complicando estas definições. Se o estudo de uma determinada área de conhecimento tem como ponto de partida a definição do seu objeto, a filosofia se destaca por não se voltar a algo único e estático, pois seu objeto é a complexidade do conhecimento e da condição humana.

Quando se trata de pensar numa Filosofia da Saúde nos deparamos com a necessidade de pensar no objeto de estudo da saúde. Patrick Paul aborda diferentes perspectivas para definir o conceito, criando duas vertentes principais de classificação do conceito de saúde: a prevenção ou tratamento de doenças e a promoção da saúde (Paul, 2013, p.33). Essas vertentes, de acordo com o autor, orientam modelos e abordagens distintas no âmbito da saúde.

Já no artigo *Conceito Ampliado de Saúde em tempos de pandemia*, Neves explora a mudança histórica no conceito de saúde, especialmente na ideia contemporânea de saúde e doença, destacando que, após a Segunda Guerra Mundial, a saúde passou a ser concebida não apenas como ausência de doença. Essa mudança histórica imprime um caráter dinâmico e ativo ao conceito de saúde (Neves, 2021, p. 79).

Nesse sentido, o conceito de saúde possui uma dimensão histórica, evoluindo ao longo do tempo em resposta a mudanças sociais,

culturais e científicas. Portanto, a Filosofia da Saúde, como perspectiva transdisciplinar, possibilita refletir sobre o conceito de saúde ao longo da história, proporcionando uma compreensão que articula metodologias, explora perspectivas epistemológicas e contextualiza a saúde como fenômeno complexo. Enquanto abordagem de pesquisa, a Filosofia da Saúde coloca como objeto reflexivo a própria filosofia e a saúde.

Por se tratar de uma abordagem da saúde, e não da doença, é possível reconhecer no sujeito do cuidado as várias dimensões da sua vida que não se reduzem à doença. Assim, os profissionais da saúde que colocam a medicina como ciência em prática no momento do cuidado, tem uma via que não se resume em tratar o doente. Na pesquisa, os distanciamentos entre sujeito/objeto ou entre paciente/profissional não serão necessariamente uma fonte de validade científica, tal como é comumente para os modelos biomédicos atuais que norteiam o ensino, a pesquisa e a atuação profissional.

Dito isso, a questão proposta diz respeito à especificidade de uma Filosofia da Saúde enquanto campo de investigação e conhecimento. Nas palavras de Lebrun, em *A filosofia e sua história*, desde a delimitação diferencial entre matemática e filosofia empreendida por Aristóteles, fica evidente que à segunda cabe “fixar a essência, delimitar as regiões eidéticas, discernir os princípios – entendendo-se que, na prática, nenhuma episteme poderia substituí-la” (Lebrun, 2006, p.17).

Nesse caso, propor uma Filosofia da Saúde significa propor um olhar em que tais conceitos possam ser articulados para subsidiar a prática efetiva em saúde e corroborar a fundamentação dessa prática.

Se, sem trair de modo grosseiro o seu objeto de estudo, podemos falar em "manuais" de matemática ou de física, já o mesmo não podemos dizer da filosofia. O que dificulta o ensino da moral, da lógica ou da estética, é, como procuraremos demonstrar, que nestas delicadas disciplinas o ensino vale o

que vale o pensamento daquele que as ensina. A Filosofia é o filósofo. (...) a Filosofia não se ensina. Ensina-se a filosofar. (Magüé, 1954, p.1).

Conforme afirma o filósofo e professor Jean Maugüé (1904-1990), pode-se argumentar, ainda, que um caminho produtivo seria provocar o pensamento, “ensinar a filosofar”. Assim, não se deve buscar fórmulas prontas, mas incentivar os estudantes e profissionais de saúde a cultivar uma abordagem reflexiva e crítica diante dos desafios éticos, lógicos e estéticos que permeiam essa área.

## **Desafios à Filosofia**

A filosofia não possui mais unidade do que um arquipélago. E certos filósofos têm tanta consciência dessa disseminação de territórios que tentam desesperadamente compensar por um alinhamento doutrinal sua inevitável especialização neste tempo em que se apagam todos os grandes sistemas de referência (como o tomismo), tentam colocar-se sob a dependência de um pensador do século XIX (Marx, Freud, Nietzsche), ou tomar uma ciência humana (economia, linguística) como paradigma de suas pesquisas. "Marxismo", "freudismo", "estruturalismo" (Lebrun, 2006 p.20).

A citação de Lebrun ressalta a fragmentação e a especialização na filosofia, que não permaneceu ileso perante recortes cada vez mais concisos para determinar áreas de conhecimento. Esse grau de especialização e rigidez metodológica se apresenta na filosofia institucionalizada das universidades brasileiras, muitas vezes, como uma filosofia circunscrita ao estudo exaustivo do cânone ou à mera historicidade. O desafio não reside necessariamente no estudo dos clássicos filosóficos ou nas abordagens historicizadas da filosofia, mas na afirmação de que a excelência decorre, necessariamente, de ambos.

A fragmentação e intensa especialização se apresentam na prática do fazer filosófico da mesma forma que no fazer científico. Nossa hipótese é que isso se dá, não por uma tendência natural, mas pela forma como, até aqui, temos compreendido a filosofia e sua implicação na especificidade de uma filosofia da ciência e, conseqüentemente, na maneira como estão organizados institucionalmente o ensino e a pesquisa, ainda, na formação e educação em geral e, mais diretamente, na formação de recursos humanos.

Há, portanto, um desafio à academia, sobre sua tradição historicista e seu foco demasiado no cânone, promovendo intensa especialização e a percebendo como estratégia única para percorrer um grau de excelência. Sobretudo na área da filosofia, esse desafio se impõe por parecer tratar apenas de temas abstratos, restrito a especialistas e sem aplicação pontual ou prática.

Ilustramos esse desafio com a nossa experiência pessoal, ambas com formação em filosofia: uma, ao se deparar com a atuação na gestão em saúde; e, outra, como docente universitária atuando no ensino, pesquisa e extensão em cursos de saúde. No trabalho, pudemos perceber que a filosofia havia nos fornecido instrumentos valiosos para lidar com desafios práticos. A capacidade reflexiva, adquirida por meio da filosofia, nos permitiu abordar temas diversos e estabelecer conexões entre eles. Essa habilidade, de integrar conhecimentos filosóficos a outras áreas, ampliou a compreensão sobre problemas específicos. Além disso, recorreremos diversas vezes a textos filosóficos para analisar e refletir sobre questões concretas sobre problemas da saúde.

Encontramos no GEFS um lugar de inspiração. Ao observar a atuação das colegas do grupo, de diferentes áreas e campos de atuação, nos deparamos com uma abordagem filosófica entrelaçada com a literatura e com as artes em geral. Um entrelaçamento que não é apenas conceitual e que pode ser percebido, por exemplo, quando uma colega de

grupo apresenta reflexões consistentes sobre estética, tecnologia e sua atuação profissional em áreas práticas, como a odontologia. Essa colega, em especial, conduz uma análise concreta dos problemas enfrentados em seu cotidiano na clínica, a partir da filosofia da saúde, como resultado dos estudos e reflexões do grupo.

Além disso, contamos com colegas que refletem sobre o papel da capelania, da neurociência e da música em tratamentos clínicos. Por vezes, recorremos ao estudo de autores que não são estritamente da área da saúde para refleti-la, como Hans Jonas, Jacqueline Lagrée, Machado de Assis, entre outros. Nos cânones e autores da filosofia, também buscamos contexto e inspiração e, assim, discutimos temas que importam à Filosofia da Saúde, interagindo de forma aberta e não dogmática com autores e obras de diversas áreas.

Nesse aspecto, vemos como profícua a amplitude de temas abordados pela filosofia, o que vai ao encontro de alguns debates atuais sobre a filosofia no Brasil, como é o caso dos Grupos de Trabalho da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Filosofia (GT/ANPOF), em que os trabalhos estão organizados mais por temáticas do que por autores<sup>4</sup>. De maneira geral, as mudanças recentes no contexto da filosofia no Brasil têm se dado a partir de uma diversificação das abordagens, do questionamento da excelência especialista e das temáticas de pesquisa. Assim, o contexto atual representa uma oportunidade promissora para a Filosofia da Saúde. Tais mudanças podem ser caracterizadas por razões multifatoriais, como a expansão e interiorização dos programas de pós-graduação, a ampliação da diversidade regional, geracional, racial e de gênero, entre outros.

---

4 Em consulta realizada em janeiro de 2024 no site da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) identificamos cerca de 73 grupos de trabalhos ativos, dos quais 59 tinham como característica a definição temática. Sobre isso conferir: <https://www.anpof.org/gt/>.

Dando sequência a essa discussão, chamamos a atenção à necessidade de uma filosofia que pensa no presente e, para isso, retomam-se as palavras de Maugüé, em *O ensino de filosofia e suas diretrizes*: “(...) a filosofia vive no presente. Não é corajosamente filósofo senão aquele que cedo ou tarde expressa o seu pensamento acerca das questões atuais. Aliás, nada mais atual do que o Platão do III século antes de Cristo e o Descartes do século XVII” (Maugüé, 1954, p. 3). Resguardado o devido contexto histórico em que foi produzido<sup>5</sup>, as palavras continuam ressoando na atualidade.

Levando em conta a necessidade de pensar uma filosofia do presente, a Filosofia da Saúde emerge como uma proposta que constrói um arcabouço conceitual para a compreensão dos desafios contemporâneos e a antecipação de debates futuros. Em se tratando de Filosofia da Saúde é preciso abordar uma filosofia multitemática e conectada ao presente.

Alguns dos temas sob os quais faz sentido pensar a Filosofia da Saúde, a partir da experiência do grupo, na pesquisa e extensão, e da docência em Filosofia, por parte de sua coordenadora, bem como a intersecção com diferentes áreas, no âmbito da Escola Paulista de Medicina são: o crescimento da população idosa, impulsionado pelo aumento da expectativa de vida; as consequências da pandemia de Covid-19; doenças crônicas; os avanços técnicos e científicos, particularmente na biomedicina; a crescente capacidade de utilizar dados para a prevenção de agravos à saúde; ou o impacto da crise ambiental sob a saúde humana. Esses elementos convergem para criar uma oportunidade única para a filosofia interagir com a saúde, promovendo

---

<sup>5</sup> O texto citado remonta ao trabalho dos professores da missão francesa contratada para a estruturação da USP. Maugüé chega ao Brasil no segundo ano da missão, em 1935, e o objetivo do texto era levantar questões acerca do projeto pedagógico do curso de Filosofia da recém-inaugurada Universidade de São Paulo (USP).

uma área de conhecimento que permita aos profissionais de saúde uma reflexão crítica sobre temas complexos.

As reflexões aqui apresentadas compõem a experiência no Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia da Saúde, que reflete, sobremaneira, a nossa experiência nesses anos de atuação. Podemos resumí-las nas seguintes proposições:

1. A Filosofia da Saúde deve ter uma abordagem temática, interagindo com a história da filosofia e os cânones de uma perspectiva mais aberta e menos dogmática, que dialogue com a experiência dos sujeitos.
2. A Filosofia da Saúde tem um desdobramento prático, transdisciplinar e multiprofissional.
3. Ela reconhece todos os campos de conhecimentos, tais como a bioética, a filosofia da medicina, a saúde coletiva, mas vai adiante deles.
4. A Filosofia da Saúde deve estimular a atitude filosófica do profissional da saúde, entendida aqui como uma formação orientada à ação refletida.
5. Pesquisa e estudo multiprofissional, compartilhado e transdisciplinar: o médico tem um papel fundamental, mas ele não é exclusivo na linha de cuidado. É preciso ampliar a capacidade de desenvolvimento de forma multiprofissional e horizontal entre a equipe. Quando se tem alguém da equipe com desnível é preciso cooperação para nivelar o passo, isso não é retroceder do ponto de vista da pesquisa ou perder tempo.
6. A Filosofia da Saúde desafia tanto o ensino em filosofia quanto o ensino em saúde em que a criação de conceitos filosóficos a partir de problemas da prática em saúde e a interação temática subsidiada pela história da filosofia parece bastante promissora.

## **Filosofia Da Saúde: um campo de conhecimento transdisciplinar e multiprofissional**

Diante da morte, das doenças crônicas ou do envelhecimento a Filosofia da Saúde pode fornecer uma lente crítica e analítica para explorar as complexidades éticas, morais e existenciais. Cândido e Ronaty<sup>6</sup>, em *A importância da filosofia para a educação médica*, apresentam uma interessante interlocução da filosofia com temas atuais a partir das pesquisas sobre doentes terminais da psiquiatra Elisabeth Klüber-Ross:

A autora também reconhece que cresce o número de anciãos, por conta do aumento da expectativa de vida, mas aponta que com isto também aumenta o número de vítimas de tumores e doenças crônicas associadas à velhice e, tratando do imaginário acerca da morte, afirma que, do ponto de vista do inconsciente só podemos ser mortos; nos é inconcebível morrer de causa natural ou de idade avançada, do que decorre a morte ser vista como um mal, ligada a uma ação má, a um acontecimento medonho, a algo que em si clama por recompensa ou castigo (Klüber-Ross, 2021, p. 419).

Este artigo ressalta a importância da filosofia na formação médica demonstrando como a reflexão filosófica pode enriquecer a prática médica, oferecendo uma compreensão mais profunda das experiências humanas e das complexidades associadas à saúde e à doença.

Um aspecto central trazido pelo artigo é sobre o imaginário acerca da morte, ou seja, sobre a condição humana. Podemos dizer que sabemos que nascemos e que morreremos, ainda assim, a consciência

---

<sup>6</sup> Cândido é pesquisadora formada em filosofia e professora na área de ensino em saúde, Ronaty, por sua vez é estudante de medicina.

acerca desses termos são variáveis. Ao longo da vida nos ocupamos em dar significados distintos à experiência de vida e morte.

Utilizando as pesquisas da psiquiatra Elisabeth Klüber-Ross sobre pacientes terminais como ponto de partida, os autores enfatizam como a filosofia pode fornecer uma lente crítica e analítica para explorar as complexidades éticas, morais e existenciais. Ao abordar questões fundamentais, como o significado da vida, a dignidade, a autonomia e a finitude, a filosofia oferece um arcabouço conceitual que enriquece a compreensão da saúde na terceira idade. Além disso, ao investigar temas como a relação entre corpo e mente, a filosofia contribui para uma abordagem ampliada da saúde, integrando aspectos físicos, psicológicos e sociais.

Assim, temas como dor, sofrimento e morte, que permeiam o saber e a prática nesta área de conhecimento, emergem como relevantes no âmbito da Filosofia da Saúde, pois a reflexão filosófica pode orientar práticas de cuidado mais éticas, que reconheçam o papel dos sujeitos e promovam uma visão abrangente da qualidade de vida o que, por sua vez, contribui, inclusive, para a fundamentação da Bioética.

No âmbito das pesquisas interdisciplinares, a interconexão entre as ciências humanas e as ciências da saúde não é propriamente recente, sendo uma prática que tem se mostrado cada vez mais recorrente e relevante. A integração da saúde com diferentes áreas de conhecimento possibilita um alcance conceitual mais abrangente para compreender as complexidades inerentes à saúde humana. O surgimento da saúde coletiva, ou as interações entre pedagogia e saúde, são exemplos contextualizados dessa interação.

A filosofia da medicina e a bioética também foram se consolidando ao longo das últimas décadas, com uma ampliação da produção bibliográfica e inserção acadêmica, principalmente na formação dos profissionais médicos. Fenômeno parecido ocorre com a

pedagogia médica, dada a necessidade de postular o ensino em saúde como algo que extrapole o treinamento voltado para o trabalho técnico.

A Filosofia da Saúde se mostra, ainda, como um campo em construção que almeja uma atuação transdisciplinar e multiprofissional. As práticas institucionais relacionadas ao ensino em saúde resguardam variações consideráveis com relação ao nível e às disciplinas, não se tratando de um contexto homogêneo, sendo a transdisciplinaridade uma característica crucial. Patrick Paul, postula o que seria a transdisciplinaridade enquanto método de investigação que parte da interação entre sujeito e objeto:

A transdisciplinaridade, ao envolver o sujeito nas disciplinas da pesquisa, postula uma interação forte entre objeto e sujeito. Particularmente nas ciências humanas e médicas, essa interdependência afirma ao mesmo tempo a não independência do pesquisador e o interesse de um percurso cognitivo ligado a uma metodologia “trajetiva”, ou seja, “antropoformativa”, entre objeto e o sujeito (Paul, 2013, p. 94).

Há três esferas que dizem respeito a questão transdisciplinar: a construção do conhecimento a partir de uma interação forte entre as disciplinas que vai além das fronteiras postuladas comumente pela ciência; na pesquisa, o médico, o paciente e o pesquisador são tomados em outra relação de sujeito e objeto; há uma mudança cognitiva causada pelos processos formativos que envolvem as pessoas.

De uma perspectiva da Filosofia da Saúde, a transdisciplinaridade significa que o corpo que adocece, não o faz de maneira abstrata ou genérica. O corpo adocece em um determinado lugar e em um determinado contexto de relações humanas. Sobretudo, na contemporaneidade, em que já se tem evidências científicas consolidadas sobre a influência de fatores externos e ambientais na saúde humana, faz sentido buscar novas abordagens capazes de investigar o sujeito vivente em sua integralidade.

Neste aspecto, a Filosofia da Saúde introduz uma metodologia do sujeito efetivamente afirmada e que também tem, no sentido transdisciplinar, o intuito de induzir metodologicamente interações entre as disciplinas e quem tem inspiração na discussão teórica relacionada às ciências da saúde proposta por Patrick Paul (2013, p. 65). Por isso, a Filosofia da Saúde pode dispor de uma ontologia que examina a natureza da doença, da saúde e de outros conceitos, como a condição humana, a morte e a felicidade. São exemplos de questões importantes: o que significa estar doente? ou, como definimos e entendemos a saúde?

Ainda, na busca por um conhecimento transdisciplinar, a Filosofia da Saúde pode apoiar a reflexão sobre a relação e as dinâmicas entre os profissionais e usuários de saúde, incluindo aspectos psicológicos, de comunicação e das responsabilidades éticas e morais de ambos os lados. Na prática clínica, a Filosofia da Saúde se revela ao estimular reflexões críticas sobre a relação profissional-usuário, sobre o consentimento informado e a autonomia. Essa aplicação prática não se limita apenas à ética, estendendo-se à compreensão da dimensão existencial da saúde, incluindo questões relacionadas ao significado da vida, do sofrimento e da morte.

No campo da epistemologia da saúde, são proporcionados instrumentos para a reflexão sobre o conhecimento em saúde, como ele é adquirido, validado e aplicado. Isso inclui a análise de métodos de pesquisa, de evidências científicas e da tomada de decisões clínicas. No mesmo contexto, as políticas de saúde abrem a discussão sobre questões sociais e políticas relacionadas à prestação de cuidados de saúde, do acesso à saúde, da distribuição de recursos e da equidade.

Assim, a abordagem proposta para uma Filosofia da Saúde visa integrar profissionais de diferentes áreas, intrincados desde os processos de saúde-doença à construção dialógica no contexto da saúde.

A Filosofia da Saúde, ao adotar uma perspectiva multiprofissional, reconhece a complexidade intrínseca ao contexto da assistência à saúde. Enquanto a visão tradicional, muitas vezes, centraliza o médico como protagonista (e embora o papel do médico seja inegavelmente crucial), a abordagem multiprofissional destaca a interdependência entre os diversos agentes envolvidos no cuidado, promovendo uma compreensão mais colaborativa. Desta maneira, essa abordagem busca valorizar e compreender a interação dinâmica entre diversos profissionais de saúde, bem como o papel ativo desempenhado pelo próprio indivíduo. Nesse sentido, a Filosofia da Saúde multiprofissional enfatiza a importância de considerar as distintas contribuições e perspectivas, reconhecendo cada profissional e cada indivíduo como peças fundamentais nos cuidados em saúde, como única forma de alcançar a complexidade do sujeito atendido.

No entanto, a filosofia por ela mesma, tomada como um conhecimento abstrato, não será capaz de dar amplitude à clínica. É preciso afirmar que a Filosofia da Saúde não é uma filosofia que faz clínica, mas uma filosofia que amplia as ferramentas e conhecimentos do profissional da saúde para sua atuação. Portanto, é fundamental que o profissional-filósofo se dedique tanto a ampliar seus conhecimentos gerais em filosofia, quanto ao desenvolvimento para uma clínica ampliada, que é dada pela formação teórica e prática nas áreas específicas da saúde.

Num panorama mais amplo, essa relação entre filosofia e saúde não só enriquece a formação e prática dos profissionais de saúde, mas também promove uma abordagem multiprofissional e transdisciplinar. Ao abranger temas contemporâneos como as implicações éticas das tecnologias médicas avançadas, a Filosofia da Saúde posiciona-se como um campo essencial de reflexão. Assim, esse diálogo transdisciplinar não apenas ilumina as complexidades da saúde, mas também molda as bases

para uma prática profissional mais ética, reflexiva e orientada para o presente, fazendo-se necessário no ensino em saúde.

## **Considerações Finais**

Em última análise, a Filosofia da Saúde, ao transcender as barreiras disciplinares, emerge como um campo de conhecimento que reflete sobre o postulado das normas éticas, mas também oferece uma abordagem crítica para entender e abordar as complexidades da saúde. Sua transdisciplinaridade e multiplicidade de perspectivas tornam-na fundamental na construção de um entendimento mais amplo da saúde.

A partir das discussões levantadas neste texto é possível perceber que, enquanto um campo de pesquisa, ensino e prática, a Filosofia da Saúde enfrenta questões que são recorrentes tanto à filosofia quanto às ciências da saúde acerca do método e dos paradigmas epistemológicos.

Perante essas questões, nossas hipóteses caminham no sentido de afirmar uma abordagem transdisciplinar, que interage de forma aberta entre áreas de conhecimento, e que afirma a interação entre sujeito e objeto. Ainda, que percebe na abordagem multiprofissional uma alternativa metodológica ao reducionismo científico, considerada a medicina como ciência e ao reducionismo do sujeito – no sentido de não considerar sua complexidade - no que concerne à prática da medicina na forma da atenção, assistência e cuidado.

No GEFS, essa interação multiprofissional tem sido propulsora de amplitude temática que favorece o aprendizado e a didática. Por essa razão, a Filosofia da Saúde experimentada na prática do grupo tem se mostrado uma potente estratégia formativa, no sentido do desenvolvimento de habilidades críticas e éticas. Ao encorajar a filosofia

como uma prática, aprendemos a abordar questões complexas da saúde com uma perspectiva reflexiva e crítica.

O aprofundamento das pesquisas tem aberto novos questionamentos e diálogos. No âmbito do ensino da filosofia e da saúde, há a pretensão de debruçar-se sobre as questões éticas, epistemológicas e políticas relacionadas à prática médica. De igual maneira, revisitar e aprofundar pesquisas filosóficas, buscando inspiração e fundamentação teórica para circunscrever a Filosofia da Saúde enquanto um campo de conhecimento inovador que apoie também a prática profissional em saúde e, com isso, nos ajude a encontrar respostas para as questões do presente.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. *Política de formação e desenvolvimento para o SUS: caminhos para a educação permanente em saúde – pólos de educação permanente em saúde*. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.

CÂNDIDO, Cristina Viviane; RONATTY, Gabriel. *A importância da filosofia para a educação médica*. *Poliética*. São Paulo, v. 9, n. 2, pp. 415-434, 2021.

LEBRUN, Gérard. *A filosofia e sua história*. Org. Carlos Alberto Ribeiro de Moura et al. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MAUGÜÉ, Jean. *O ensino de filosofia e suas diretrizes*. Texto extraído de *Kriterion*, 29-30, jul.-dez. 1954.

PAUL, Patrick. *Saúde e Transdisciplinaridade: A Importância da Subjetividade nos Cuidados Médicos*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

PAUL, Patrick. *A dimensão ética na educação para a saúde*. *Saúde e Sociedade* v.14, n.1, p.30-40, jan-abr 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902005000100006>. Acesso em: 20.jan.2024.